

CONIC-SEMESP 13º Congresso Nacional de Iniciação Científica

Anais do Conic-Semesp. Volume 1, 2013 - Faculdade Anhanguera de Campinas - Unidade 3. ISSN 2357-8904

TÍTULO: VOLTAIRE E A TOLERÂNCIA

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: FILOSOFIA

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

AUTOR(ES): JONAS FARIAS DE BARROS

ORIENTADOR(ES): PAULO JONAS DE LIMA PIVA

Realização:



Apoio:



VOLTAIRE E A TOLERÂNCIA

1. RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de abordar a questão da **Tolerância** defendida por Voltaire, em diversos livros tais como: Tratado sobre a tolerância, Túmulo do fanatismo, Dicionário Filosófico, Cartas Francesas, dentre outros. Nestes livros denunciou as perseguições religiosas e a Inquisição, por parte da **Igreja Católica**. Por tais críticas, foi trancado na Bastilha, exilado na Inglaterra e Holanda, ora perseguido e protegido por admiradores, seus livros foram queimados em praça pública, na França. Voltaire foi considerado ateu e proibido de pisar em solo francês e lhe retirado o direito de ser sepultado em solo francês.

Voltaire destacou-se como defensor dos direitos humanos, dos animais e do fazer científico.

PALAVRA CHAVE: Intolerância Religiosa, Ciência, Estado Laico, Livre Comércio e Legislação eficaz.

2. INTRODUÇÃO

Maria das Graças Nascimento, nos introduz muito bem na filosofia de Voltaire, esclarecendo-nos sobre seu pensamento. Como marco inicial, ela nos mostra, que Voltaire, em seus trabalhos, criticou duramente o fanatismo e o despotismo do clero. Ao mesmo tempo, Voltaire acreditava que o fanatismo dos ateus era tão temível, quanto dos supersticiosos e dos fanáticos religiosos. Contestando Voltaire, Bayle¹ dizia que uma sociedade de ateus poderia ser virtuosa e feliz, em suma: uma sociedade muito melhor do que uma formada por crentes. Voltaire o rebate dizendo que a religião era um freio moral (apud. Nascimento, 1983, p. 52; 63).

¹ Bayle, Pierre (1647-1706), filósofo cético e enciclopedista francês.

No mesmo contexto histórico, as próximas críticas de Voltaire foram destinadas aos materialistas, que baseados numa suposta ciência, diziam que Deus não era o responsável pela criação do mundo. Needhan² acreditou ter visto na fermentação da farinha a geração espontânea de microrganismos. Holbach foi investigar os fatos e acrescentando água à farinha e verificou, através de microscópios rudimentares da época, que a mistura havia produzido seres organizados e concluiu que a matéria bruta pode por si mesma passar à vida. Voltaire interferiu dizendo, que era impossível a matéria se organizar por conta própria, então o mais racional e aceitável seria acreditar num ser supremo, como sendo a causa primeira do universo, ou o **Primeiro Motor**, como havia definido Aristóteles (Ibid., p., 88).

Para Voltaire, admitir um Deus, não é aprovar uma seita para discriminar outra, mas sim conscientizar que tanto ateísmo como fanatismo religioso são os dois extremos da loucura humana. O correto é ter uma atitude consciente e reconhecer uma força suprema que governa o mundo, mas do resto, não nos permite afirmar mais nada além desta existência. Os seres humanos se assemelhariam aos ratos que habitam o porão de navio, o capitão sabe da existência destes ratos, que não interferem no cotidiano do capitão, da mesma forma que os homens não interfeririam no cotidiano de Deus (Ibid., p., 7 et. seq.)

Por fim, Voltaire se opõe à filosofia de Leibniz (que pregava uma natureza perfeita), ao dizer que, a natureza apresentava efeitos e manifestações desproporcionais, tais como terremotos, catástrofes naturais, crianças monstruosas, dentre muitas outras, que só resta a concluir que há uma desordem natural. E

² Needhan, John (1713-1781), cientista inglês.

criticou ao mesmo tempo os naturalistas apologéticos, como Bufon³, que acreditava que o espermatozoide era um homem em miniatura, e que os planetas foram formados por influencia de um cometa. Segundo Voltaire, uma ciência para ser valida era necessária que se fizesse diversos experimentos para que só assim pudesse elaborar uma teoria sólida (Ibid., p., 81).

3. DESENVOLVIMENTO

A Influência de John Locke Na Filosofia De Voltaire

John Locke (1632-1704) foi de extrema importância para o desenvolvimento da filosofia de Voltaire (1694-1778), isto se deu quando nos anos de 1726 a 1728, Voltaire esteve exilado na Inglaterra e neste período teve acesso às obras de Locke.

A filosofia de John Locke relatava o declínio da Nação Inglesa, perante a intolerância religiosa, que provocava declínios financeiros, perseguições e mortes. No momento em que Voltaire toma conhecimento da filosofia de Locke, a Inglaterra já havia se libertado destes males, portanto já era um país em ascensão e com pluralidade de seitas, mas a França, com a política de Intolerância, colhia o fracasso em todos os campos, com destaque ao financeiro, científico e cultural (Cronk, Nicolas, 2010, p. 223-237).

Locke ao escrever "*A Carta acerca da Tolerância*" expôs sua crítica ao autoritarismo da religião católica, que se firmou usando a força e a influência dos reis. De acordo com Locke, a religião não poderia se impor por ameaças, torturas e nem perseguições, mas sim pela persuasão, ao passo que o Estado deveria elaborar leis imparciais para punir aqueles que não as cumprissem, ou com a privação da liberdade ou dos bens. Os homens poderiam, muito bem, enriquecer, exercendo uma profissão, que não lhes agradavam, mas não poderiam ser salvos, mediante uma religião a qual não confiavam. Logo, impor uma religião a outrem é

³ Buffon, Georges (1707-1781), cientista francês.

cometer um grave erro, porque para agradar a Deus é necessária ter fé e não força física, e para conquistar fiéis é necessária a persuasão. Um avarento, um invejoso e aqueles que amam a luxúria são condenados pela Igreja, mas jamais pelos magistrados, porque tais vícios não causam dano algum à paz pública. Locke também argumentou, dizendo que uma nação de ateus poderia ser nociva, porque os descrentes, não respeitariam os juramentos e pactos que vinculam à sociedade. (Locke, Os pensadores, 1993, p. 5et. seq).

4. OBJETIVO

A FILOSOFIA DA TOLERÂNCIA DE VOLTAIRE

“*O Tratado sobre a Tolerância*”,⁴ foi uma das suas mais importantes obras na luta contra a intolerância. No Capítulo I, Voltaire descreve a execução do Sr. Jean Calas, ocorrida em 09 de março de 1762, na França, por ter encontrado o filho enforcado no batente da porta. Quando as autoridades chegaram para investigar o crime, uma multidão de fanáticos se aglomerou diante da casa e um deles gritou que o pai protestante havia matado o filho católico. (Voltaire, 2008, p. 13).

Um Tribunal composto de 13 juízes condenou o réu à morte, e os bens da família foram confiscados. Voltaire deixa claro que o julgamento foi ilegal, o corpo da vítima sem marcas de agressões e os vizinhos não relataram gritaria. Estas informações constavam nos relatos da causa morte. Resumindo: o Tribunal agira parcialmente e deveria se redimir com a família pelo mal que lhes causara (Ibidem, p. 158).

O capítulo IV, o escritor faz uma reflexão para saber se a tolerância causa danos ao Estado e recorre à história, mostrando que os governos da Alemanha,

⁴ Obra publicada em 1763.

Inglaterra, e Holanda, judeus, católicos, islâmicos e demais seitas podiam exercer a fé que melhor lhes aprouvessem. O Grão senhor Turco, governava povos de diferentes regiões e ninguém se trucidava. No Japão, os jesuítas mergulharam o país em uma guerra civil sangrenta e os japoneses tornaram-se temerosos e resolveram fechar suas portas ao ocidente. Os capítulos VII e VIII, trazem a história da Grécia Antiga, que erigiu um altar para os deuses que ainda não conheciam (Ibidem, p.28 - 35).

O capítulo XXII relata um fato verídico escrito em 1762, por um jesuíta a um padre, em que expunha um plano para liquidar os protestantes Huguenotes. Para o jesuíta o correto seria casar as moças hereges com rapazes católicos, castrar os garotos hereges, trancá-los em conventos e chicoteá-los até que aprendessem as doutrinas do catolicismo, os demais deveriam ser eliminados. Para Voltaire, a figura do jesuíta era muito mais perigosa para a sociedade do que aqueles huguenotes que ele desejava exterminar e concluiu dizendo que quando *um homem se torna um fanático não é digno de tolerância* (Ibidem, p. 109).

A questão de que Estado e Igreja não podem caminhar juntos, é trazida novamente à tona no capítulo XXIII, ao relatar ao leitor que na Dinamarca existiu uma seita que acreditava que as pessoas que morriam após o batismo estavam com suas almas salvas e resolveram matar as crianças após o batismo. Voltaire considerava a atitude inadmissível, tendo em vista que estas crianças tinham o direito de viver e procurar a salvação por conta própria e os homicidas deveriam ser punidos pelo Estado. Em sua opinião uma religião é importante na sociedade, porque freia os homens punindo os crimes imagináveis, ao passo que a lei pune os reais. Sendo o objetivo da Igreja apenas proporcionar paz aos homens. Na realidade

o que se verificava era que os Vândalos, Hunos, Hérulos, praticaram um mal muito menor do que os praticados pelos cristãos (Ibidem, p.113 et. seq.).

A construção do capítulo XXV é a conclusão final do livro. Voltaire conduziu o leitor para que este percebesse como a intolerância religiosa é negativa; e o grave erro que o Estado comete quando apoia estes atos. Voltaire diz que o estado deve ser soberano, no caso anteriormente relatado que ocorreu em Toulouse houve exatamente o contrário, a decisão da Igreja prevaleceu sobre a do Estado; mas em Paris a situação também foi diferente, em 07 de março de 1763, o Conselho de Estado, formado de magistrados e da presença do rei, se reuniu no Palácio de Versalhes e concluiu que seria necessária uma nova investigação e solicitou por escrito que o Tribunal de Toulouse enviasse as provas da condenação da família. O rei indenizou a família dando-lhes uma quantia de trinta e seis mil Libras. (Ibidem, p. 120-7).

O capítulo XXXVII do *Filósofo Ignorante*⁵, Voltaire diz, que os homens se tornaram intolerantes, na medida que passaram a acreditar nas superstições; porém houve homens que foram exceção à regra considerando-as fábulas para convencer o vulgo, (Voltaire, os pensadores, 1994, p. 321-2). No capítulo XLIX, Voltaire diz que muitos consideravam os Romanos Antigos intolerantes por degolarem os inimigos, mas por outro lado, se mostravam *tolerantes*, porque dentro de seu território, jamais haviam derramado o sangue de nenhum homem, ora porque este acreditava na existência do vácuo, ora porque teve uma interpretação distinta ao ler um livro sagrado, portanto este era um exemplo de tolerância que deveria ser seguido pelos homens que viviam no século XVIII (Id., p., 326).

⁵ Obra publicada em 1766

No conto de *Candido*⁶, Voltaire denunciou as práticas da Inquisição, que ainda se faziam presentes no século XVIII. Tudo começa, quando *Candido* é expulso do castelo em vivia, por beijar a filha do barão. Vagando nas ruas, é obrigado ir à guerra, é torturado e presencia crimes de guerra. Faminto vai pedir ajuda a um padre, porém como não soube responder as perguntas relativas ao cisma, foi expulso, mas é socorrido por um anabatista que lhe proporciona emprego, banho e refeição (VOLTAIRE, 2005, p. 233-34). Ao introduzir o padre e o anabatista, Voltaire tinha como intuito relatar ao leitor, que a moral estaria presente no coração de qualquer homem, independente da fé religiosa. (Malkassian 2005, op. cit., p. 75).

Em Lisboa, *Candido* e seu mestre de filosofia Pangloss, presenciam um terremoto, que matou 30 mil pessoas. Ambos ajudam no socorro de vítimas, mas são considerados hereges. *Candido* foi chicoteado e Pangloss enforcado (Voltaire, 2005, p. 238-241 passim.). No Paraguai, *Candido* e seu escravo Cacambo encontram uma canoa, remam sem direção e chegam a Eldorado. Neste País, não havia ateus, mas sim uma pluralidade de seitas, que viviam pacificamente e não interferiam nos assuntos do governo, os habitantes adoravam a Deus da maneira que desejassem, e desconheciam por completo a intolerância e as guerras religiosas (Nascimento, 1993, p.34).

Para Voltaire, Eldorado seria uma alusão à Inglaterra, país que ele próprio admirava, por ser tolerante e conviver com a pluralidade de seitas. As *Cartas Inglesas*⁷, na sexta carta sobre os Presbiterianos, não deixou de relatar esta qualidade Inglesa que segundo ele se caracterizava por ser baseada na liberdade de expressão, religião, desde que proporcionasse que os cidadãos trabalhassem

⁶ Obra publicada em 1759

⁷ Obra publicada em 1734.

unidos para o desenvolvimento econômico da Nação (Voltaire, os pensadores, 1994 p. 11).

5. RESULTADOS.

O *Túmulo do fanatismo*⁸, Voltaire relatou, que a única preocupação daqueles que estiveram na direção das seitas, era enriquecer e deixar o povo na miséria, porque esses líderes eram trapaceiros, gananciosos e perseguidores sanguinários, quando na realidade, deveriam estar isentos destes vícios, e se preocuparem apenas de entregar as preces dos fiéis a Deus (Voltaire, 2006, p.7 et. seq.). Para Voltaire, o culto judeu, já se iniciava intolerante, porque a comemoração da Páscoa não era apenas para celebrar a fuga do Egito, pelo Mar vermelho, mas também para comemorar a morte dos os primogênitos egípcios, que foram degolados pelas mãos de Deus. No Velho testamento, Deus fez com que o Sol e a Lua parassem, para que os judeus tivessem um dia a mais para matar os inimigos (Ibid., p.29). De acordo ainda com os escritos de Voltaire, no final do segundo século, o judaísmo deu origem ao cristianismo, que adotou as mesmas fábulas e a intolerância judaica, porque mandava queimar vivo, aquele que professasse qualquer outra fé (Ibid., p.25), e os papas tornaram-se senhores da Europa, porque usaram a religião como arma, para derrubar imperadores. (Ibid., p.147-49).

O cristianismo provocara cruzadas e massacres, como a Noite de São Bartolomeu e derramamentos de sangue na Irlanda do Norte, na França. No Tribunal da Inquisição, nem reis, como Carlos I foram poupados da morte em cadafalsos (Ibid., p.76; 152). Voltaire termina o livro dizendo que foi uma pena que os homens durante tanto tempo acreditassem no Cristianismo, que se mostrou uma

⁸ Obra publicada em 1737

seita intolerante, cujos representantes se assemelharam a carrascos, submetendo os cidadãos à fogueira, à mendicância ao passo que outros foram molestados e seus corpos jogados em valas, sem contar os príncipes que foram assassinados e destronados. Para conter tal absurdo seria necessário esclarecer os leigos para livrá-los das influências dos padres (Ibid., 158-59).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Dicionário Filosófico⁹, nos verbetes Fanatismo, Inquisição Tortura e Seita, Voltaire, aborda os principais assuntos até aqui elencados. Neles, critica o *Estado* e a *Igreja Católica*, porque tanto magistrados e clérigos se utilizavam de métodos de torturas nos interrogatórios. A Igreja ia mais além, como exemplo, menciona o Cavaleiro de La Barre, que por ter entoado canções consideradas ímpias e por não ter tirado o chapéu para a passagem de uma procissão, teve a língua e mão direita cortadas e depois queimado em fogo lento (VOLTAIRE, os pensadores, 1994, p. 291-92). Os padres que compunham este Tribunal eclesiástico possuíam uma legislação infundada, porque qualquer homem poderia ser aprisionado e seus bens confiscados, em proveito dos padres, bastando apenas uma simples denúncia por parte de qualquer pessoa (Id., p. 224). O fanatismo transformava a Igreja, em veneno para o cérebro dos homens, quando na realidade deveria proporcionar um alimento salutar aos fiéis. (Ibid., 182).

No verbete Seita, Voltaire explica ao leitor, que a pluralidade das seitas se deu, tendo em vista as divergências ideológicas dos homens. Cada uma delas, então passou a erguer sua bandeira. Nas ciências, exemplo, a geometria, não se

⁹ Obra publicada em 1764.

admitia a formação de seitas, porque quando uma nova teoria era demonstrada e sua evidência comprovada, então esta Teoria refutava as anteriores e passava a ser aceita por todos, não porque se impôs pela força, mas sim pela razão. Voltaire conclui dizendo, que muitos filósofos que tiveram uma religião afirmaram a existência de um Deus e que os homens deveriam segui-los e serem justos. Tais ensinamentos são as bases de uma religião de caráter universal (Ibid., 282).

7. REFERÊNCIAS

LOCKE, John. *Carta acerca da tolerância* - São Paulo: Abril Cultural, 1993, Coleção os Pensadores.

VOLTAIRE, François Marie Arouet de. *Tratado sobre a tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas (1763)* - Porto Alegre: LP&M, 2008.

_____, François Marie Arouet de. *Cartas Inglesas; Tratado de Metafísica; Dicionário Filosófico; O filósofo Ignorante* - São Paulo: Nova Cultural, 1994, Coleção Os Pensadores.

_____. *François Marie Arouet de. Contos e Novelas* – São Paulo: Globo, 2005.

_____. *François Marie Arouet de. O túmulo do fanatismo* – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CRONK, Nicolas. *Compêndio Da Cambridge sobre Voltaire* - São Paulo: Madras, 2010.

NASCIMENTO, Maria das Graças, *VOLTAIRE E O MATERIALISMO DO SÉCULO XVIII* - São Paulo, USP, 1983.

_____, Milton Meira; NASCIMENTO, Maria das Graças. *Iluminismo: A revolução das Luzes* – São Paulo, Ática, 2005.

_____, Maria das Graças de Souza. *Voltaire: a razão militante* – São Paulo, Moderna, 1993.

FORTES, Luis Roberto Salinas. *O ILUMINISMO E OS REIS FILÓSOFOS* – São Paulo: Brasiliense, 1981.

MALKASSIAN, Gérard. *Candide: um débat philosophique* – Paris: Ellipses, 2005.

POMEAU, René. *LA Europa DE LAS LUCES – COSMOPOLITISMO Y UNIDAD EUROPEA EM EL SIGLO XVIII* – México: Navarte, 1988.